



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

SOMBRAS E NEVOEIRO

O fenómeno da guerra é tão antigo quanto a própria humanidade e, como bem sabemos, tudo o que acontece tem de ser contado, pelo que os relatos da guerra terão, provavelmente, surgido no mesmo instante.

O “nevoeiro da guerra” é uma expressão atribuída a Carl von Clausewitz, um general e teórico militar prussiano, que a usou na obra *Vom Kriege (Da Guerra)*, publicada postumamente em 1832. O “nevoeiro” a que Clausewitz se refere descreve a incerteza própria de um cenário de guerra, em que o conhecimento das manobras de uma e da outra parte é limitado, bem como das capacidades bélicas de cada um dos beligerantes. A desproporção entre a escala global do conflito e a situação individual de cada combatente e a velocidade a que os acontecimentos se dão contribuem para essa incerteza, para a tal bruma que dificulta o entendimento e embrulha as memórias.

O fenómeno da guerra é tão antigo quanto a própria humanidade e, como bem sabemos, tudo o que acontece tem de ser contado, pelo que os relatos da guerra terão, provavelmente, surgido no mesmo instante. Ao final do dia, os soldados, cansados e feridos, contavam as suas experiências, algumas semelhantes, outras radicalmente diferentes, levando a longas negociações para tentar aclarar o nevoeiro da guerra.

Muitas das obras literárias mais antigas têm a guerra como cenário: a *Ilíada*, a Bíblia hebraica ou a *Eneida*, por exemplo, e dão-nos relatos que vão alternando entre as experiências individuais e um entendimento mais vas-

to sobre os motivos, as estratégias e as dinâmicas dos conflitos. Desde muito cedo ficou subentendido que um fenómeno tão complexo não pode ser explicado sem essa alternância entre a guerra dos soldados e a guerra dos generais.

É através da literatura que conhecemos ou julgamos conhecer alguns dos conflitos mais relevantes da História humana: a Guerra de Troia descrita por Homero, as Médicas descritas por Heródoto, a Guerra dos Cem Anos vista por Shakespeare, as invasões napoleónicas no *Guerra e Paz* de Tolstói ou a Guerra Civil Espanhola em *Por Quem os Sinos Dobram* de Hemingway. Algumas estão centradas na experiência individual, muitas vezes absurda, cheia de medos, superações e desespero; outras arriscam uma visão histórica, de povos movidos contra outros povos por razões económicas, ambições ou ideologia.

A literatura é uma das ferramentas que temos para criar conhecimento a partir dos factos ou da interpretação dos factos. Não é nem nunca será neutra, vem sempre carregada de preconceitos, ressentimentos ou desejos escondidos, mas tudo o que é humano vem cheio disso, mesmo a ciência, mesmo a historiografia. A guerra e a literatura partilham muitos dos mesmos temas: o amor, a morte, o bem e o mal, a coragem e a sobrevivência. Por isso se confundem, por isso partilham o mesmo nevoeiro.